

# REANÁLISE E GRAMATICALIZAÇÃO DE CONECTORES TEMPORAIS

Maria da Conceição de PAIVA<sup>1</sup>  
Marli Hermenegilda PEREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** No português brasileiro, sentenças formadas com as construções *na hora (em) que*, *no dia (em) que*, *na época (em) que* e *no tempo (em) que* admitem duas interpretações. Na primeira, tem-se um núcleo nominal modificado por uma cláusula relativa (prep + [N + que]). Na segunda interpretação, tem-se uma cláusula temporal introduzida por uma conjunção complexa ([prep + N + que]) como resultado de um processo de reanálise do qual decorre uma perda de composicionalidade dessas construções e, por conseqüência, sua interpretação como um conector temporal equivalente, em muitos aspectos, ao conector *quando*. Os exemplos a seguir são ilustrativos. (1) *Na hora (em) que tiver* que me comportar como adulto, eu vou me comportar; (2) *Na época (em) que eu dançava*, eu saía mais. Neste artigo, mostramos que esse processo emergente de gramaticalização constitui um campo fértil para testar as relações entre gramaticalização e reanálise. Através de uma análise de dados representativos de diferentes estágios do português, procuramos identificar as propriedades dessas construções que favorecem o desenvolvimento de novos conectores temporais. Nossa hipótese central é a de que a reanálise e a gramaticalização dessas construções não podem ser preditas diretamente das propriedades dos seus núcleos temporais, pois, no nível sintagmático, esses processos operam por estágios sucessivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reanálise; gramaticalização; conectores temporais.

## Introdução

No âmbito dos estudos sobre a mudança lingüística, o desenvolvimento de novas formas gramaticais ocupa um espaço central pelo que pode contribuir para desvendar os mecanismos envolvidos na maleabilidade das línguas. No conjunto desses fenômenos, desperta interesse particular o surgimento de novos elementos de conexão entre orações. A história das línguas mostra que esses elementos derivam de itens lexicais ou de elementos pertencentes a classes intermediárias como advérbios e preposições. Assim como na

---

<sup>1</sup> UFRJ, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, Rua Desembargador Burle, 128, apto 292, Cep- 22.271-060, Rio de Janeiro, ceica.rlk@terra.com.br.

<sup>2</sup> UFCG, Centro de Educação e Saúde (CES), Unidade Acadêmica de Educação, Olho D' Água da Bica, s/n – Cuité – PB, cep: 58175000, marlihp@ufcg.edu.br.

formação de outros elementos gramaticais, a introdução de novos conectores nas línguas envolve uma trajetória marcada por diferentes transformações tanto no nível morfossintático como no nível semântico-pragmático.

As pesquisas sobre gramaticalização estão intimamente associadas a uma visão funcional da linguagem, na medida em que defendem a hipótese de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva a criação ou desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo.

Neste artigo, temos como objetivo central analisar o processo incipiente de gramaticalização das construções (*prep*<sup>1</sup>) + *det* + *N temporal* + (*prep*<sup>2</sup>) + *que* como uma locução conjuntiva temporal no português do Brasil. São focalizadas, particularmente, as construções com os N temporais **tempo**, **dia**, **hora** e **época**, embora outros nomes possam igualmente ocupar o núcleo do SN. Acompanhando a posição já colocada em outros autores (MIRA MATEUS et al., 1983; NEVES, 2000 e BECHARA 2000), admitimos que o estatuto gramatical dessa construção é ambíguo, podendo ela ser interpretada como um nome com o traço [+ tempo], modificado por uma oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo **que**, ou como uma construção não segmentável, uma locução conjuntiva introdutora de uma oração satélite<sup>3</sup> associada temporalmente à oração núcleo com que se relaciona. Nossa hipótese central é que estas construções empreendem uma trajetória de gramaticalização, através da qual vão, progressivamente, assumindo o padrão sintático mais característico das locuções conjuntivas, em consequência de um processo de reanálise que altera as fronteiras entre os constituintes.

---

<sup>3</sup> Estamos utilizando o termo oração satélite na acepção proposta por Dik (1989) para designar aquelas orações que servem para localizar o estado de coisas designado pela oração núcleo em relação aos parâmetros espacial, temporal e cognitivo. Em alguns momentos, lançamos mão também do termo hipotática para se referir ao mesmo tipo de construção. Baseamo-nos na proposta de Halliday e Hasan (1976) que denominam oração hipotática aquela oração dependente da outra, mas que não está estruturalmente integrada nela, ou seja, não é um constituinte dela. Oração núcleo corresponde ao termo tradicional oração principal.

A hipótese de gramaticalização dessa construção é examinada numa perspectiva pancrônica em que são conjugados um estudo em tempo real de longa duração, através da análise de textos representativos do século XIII ao século XXI, e um estudo em tempo real de curta duração, através da análise de duas amostras de fala da variedade carioca, uma da década de 80 e outra de 2000. Dada a necessidade de delimitação, restringimo-nos à análise das formas mais frequentes: tempo, dia e hora, para a amostra de longa duração e dia, hora e época, para a amostra de curta duração.

Discutiremos, na primeira seção, o caráter ambíguo das construções, em foco, que gera um ambiente propício para a atuação do processo de gramaticalização. Na segunda seção, analisaremos o papel desempenhado pelas preposições no processo de reanálise. Na terceira seção, apresentaremos algumas propriedades dessas construções, a fim de mostrar os traços que intervêm nesse processo de gramaticalização. Na quarta seção, focalizaremos alguns aspectos semânticos dos N temporais que parecem estar na origem desse processo de mudança. Por último, teceremos algumas considerações acerca da trajetória de gramaticalização dessas construções.

### **Caráter ambíguo das construções (prep<sup>1</sup>) + det + N temporal + (prep<sup>2</sup>) + que**

No português brasileiro, preposições que precedem o pronome relativo estão em variação, ou seja, podem se realizar ou não. Esta variabilidade é mais forte quando o pronome relativo preenche uma posição oblíqua e já foi referida por diversos autores como (TARALLO, 1983; 1985; MOLLICA, 1995; KATO, 1996 e NEVES 2000). Esta variabilidade tem favorecido vários processos de mudança lingüística e parece estar motivando a gramaticalização da construção (prep 1) + det + N temporal + (prep 2) + que, exemplificada em 1, 2, 3 e 4.

- (1) **Na época que** eu dançava, eu saía mais.... (An. Cr. - 00)
- (2) F: Ninguém botava! E se entrassem lá, ele matava, botava pra corrê, e o pessoal todo mesmo pagava ele pa olhá. **No dia que** ele foi embora, o pessoal botaram boca de fumo lá, aí teve polícia, teve tudo... (Cr - 00)
- (3) F- Ah! Elas cozinham tudo bem. (riso f)
- E- Ah é?
- F- Quer dizer, elas não cozinham, porque eu estou aqui, não é? (est.) Mas elas sabem cozinhar. **A hora que** eu não puder, elas fazem, não é? Tem uma então que gosta de fazer bolo, (gosta)- essa então lá da ilha adora fazer as coisas. Tem uma outra aí também. Essa aqui está aqui, gosta de fazer, mas [não]- não é muito não. Porque ela negócio de enfermagem, essas coisa, quase está mais para lá, não é? (est) Aí não faz, não tem tempo, não é? (Jos35 - Censo80)
- (4) e o monge se tornou pera sa sela e **no tempo em que** os frades jaziam folgando ao meio-dia, assim como mandava as ordin, veo o ladron ao logar per que soia a entrar e sobio na rede. (14DG)

Estas construções são ambíguas e permitem duas interpretações de acordo com o status categorial que nós atribuímos à palavra **que** e à fronteira entre seus constituintes. A construção (prep1) + det + N temporal + (prep2) + que pode ser interpretada como um N que expressa tempo com uma oração relativa encaixada ou como uma conjunção complexa que expressa tempo. Estas possíveis interpretações podem ser observadas abaixo:

- 1- Nome temporal modificado por uma oração adjetiva restritiva, com função oblíqua. Nessa interpretação, a partícula **que** funciona como pronome relativo correferencial ao N temporal. O pronome relativo ocupa, na oração em que ocorre, a mesma

posição que seria ocupada pelo constituinte que ele representa, ou seja, a de adjunto adverbial de tempo. Retomando o exemplo (2) teríamos, de acordo com essa primeira interpretação, a seguinte segmentação de fronteiras:

No dia            que ele foi embora            o pessoal botaram boca de fumo lá.

Dessa forma, a oração introduzida pelo pronome relativo **que** exerceria a função de um adjunto adverbial temporal que delimita as coordenadas temporais do estado de coisas expresso na oração principal (o pessoal botaram boca de fumo lá.)

2- locução conjuntiva temporal- Toda a construção (*Prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) + *que* equivale a uma locução conjuntiva temporal, com uma função similar à do conector **quando**. Nessa interpretação, as fronteiras sintagmáticas são reorganizadas, com o apagamento de duas delas, gerando a seguinte configuração:

No dia que ele foi embora            o pessoal botaram boca de fumo lá.

Através de uma fusão, os elementos antes pertencentes a unidades sintáticas distintas passam a compor um todo indissolúvel com valor equivalente ao de uma locução conjuntiva ou um conector complexo. Além disso, a partícula **que** perde sua função pronominal, passando a funcionar apenas como um elo subordinativo (transpositor). Em decorrência da ressegmentação das fronteiras, todo o conjunto sintagmático introduzido pela construção pode ser interpretado como uma oração satélite ou hipotática associada temporalmente a uma oração núcleo.

Neste trabalho, nós focalizamos as propriedades morfossintáticas dessa construção e as mudanças que permitem sua gramaticalização como uma conjunção temporal. A hipótese central é a de que o apagamento da preposição 2 enfraquece a relação anafórica

que existe entre o pronome relativo **que** e o N temporal precedente, permitindo sua reanálise como uma conjunção temporal.

### **A realização variável das preposições na construção (prep1) + det + N temporal + (prep2) + que**

Nesta seção, nós consideramos a trajetória seguida pela prep1 e prep 2. Mostraremos que a trajetória de cada uma destas preposições é oposta, mas ambas contribuem para a gramaticalização da construção com N temporal em conjunção temporal. Vamos considerar primeiro a preposição 2 e depois a prep. 1.

O núcleo da prep 2 é preenchido prototipicamente pela preposição **em**. As propriedades semânticas e sintáticas dessa preposição parecem ser relevantes para o processo de mudança que estamos considerando. **Em** é usada mais freqüentemente para indicar um ponto ou limite no tempo e pode ser usada na referência de períodos no tempo bem circunscrito (cf, NEVES, 2000), contexto que favorece a reinterpretação da construção como um conector temporal. Outra propriedade dessa preposição é que ela introduz constituintes que funcionam como satélites, o que contribui também para a reanálise dessa construção como locução conjuntiva.

Nossa hipótese é que a não-realização de prep 2 enfraquece a relação anafórica que o pronome relativo estabelece com o nome temporal precedente, permitindo a reanálise. A análise do português brasileiro contemporâneo mostra que prep2, na fala, sofre categoricamente apagamento como ilustram os exemplos 1, 2 e 3, supracitados.

A análise do português diacrônico mostra que a realização de Prep 2 é variável, como mostram os exemplos 5 e 6.

(5) ... quando chegamos a Pernambuco já se achou capaz de ir para a terra, naquele porto desembarquei no dia **em** que foi para a terra o Governo, a sua situação é muito bonita, porém os seus habitantes, e os costumes de que usam, e eu pude .... (18Ses)

(6) E prometeo diser a verdade , e perguntado pelos interrogatórios e capítulos atras disse que do conteudo Nelles nao sabia cousa alguã em que o governador Dom Luis de sousa **no** tempo  $\emptyset$  que governou este estado deixasse de fazer o que devia e governara com muita satisfação e sem escandalo de pessoa alguã... (Séc. XVII, Annaes del Rei Dom Joao Terceiro)

O apagamento de prep 2 é sensível na palavra **tempo** que preenche a posição de N temporal na construção (prep1) + det + N temporal + (prep2) + que. Como já mencionamos, algumas palavras são mais recorrentes nesta construção: tempo, dia e hora. Elas diferem na frequência e também no modo como restringem o apagamento da preposição 2. **Tempo** é mais recorrente e desde os primeiros séculos apresenta índice maior de deleção da prep.2; **dia** e **hora**, por outro lado, exibem um comportamento diferente, apresentando um índice baixo de deleção da prep.2. Estas diferentes distribuições sugerem, então, que o processo de gramaticalização pode ter se iniciado no contexto da palavra **tempo**.

Com respeito a prep 1, a situação é diferente, porque ela tende a ser foneticamente realizada. A realização de Prep 1, aquela que antecede o N temporal, também parece contribuir para o processo de gramaticalização em curso, visto que a seqüência prep + N

temporal + que passa a exibir a configuração sintática das demais conjunções complexas (ou locuções conjuntivas) do português, o que facilita sua inserção no paradigma das locuções conjuntivas.

### **Propriedades morfossintáticas do N temporal**

Em português, nomes que expressam tempo, e outros nomes na língua, são morfologicamente marcados por desinência de número, podem ser modificados por adjetivos e orações relativas e também podem ser precedidos por determinantes. No português brasileiro contemporâneo, entretanto, na construção (prep1) + det + N temporal + (prep2) + que, as palavras **dia**, **hora** e **época** ocorrem categoricamente no singular, fato que nós interpretamos como indícios de descategorização da construção.

O exame dos dados diacrônicos mostra, no entanto, uma certa variação na flexão de número do núcleo nominal, como é ilustrado em (7):

- (7) V. Exa. Que me fêz grandíssimo desejo que têm de saberem, o que devem fazer; e **aquêles dias que** eu ali estive andavam os Oficiais oferecendo grandes pagas, e presentes aos meus soldados, para que êles quisessem ir a suas casas ensiná-los; ... (p.34) 21-7-1768b – Cartas da Bahia – século XVIII

Observamos, no entanto, que a perda da marca de plural ocorre gradualmente e que existem diferenças entre **dia** e **hora**, por um lado, e **tempo**, por outro lado. O N temporal **tempo** apresenta menor índice para pluralidade e adquire o padrão categorial antes de **dia** e **hora**. De novo, nós interpretamos estes resultados como uma evidência adicional de que a gramaticalização da construção (prep1) + det + N temporal + (prep2) + que começa no contexto daquela palavra.



Com respeito à co-ocorrência com determinantes e modificadores a situação é um pouco mais complexa. No português contemporâneo, as palavras que expressam tempo tendem a ser precedidas por artigos definidos e não há diferenças significativas entre as palavras dia, hora e época.

Excepcionalmente, estas palavras podem ser precedidas por artigos indefinidos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos, numerais ou sem nenhum determinante, como mostram os exemplos abaixo.

(8) F: (...) Melho luga que tinha na Barra era aquele ali, luga sossegado, né? Era memo, luga sossegado a até hoje que eu nunca ... to doído pa i lá, mas quando tive dinheiro vô dá um pulo lá, né? Isso é verdade memo. **Um dia** que eu arruma um dinheiro legal , tive uns cinqüenta, cem reais no bolso assim pra mim passeá, aí eu vô lá pra vê come que ta aquilo, eu creio que não estava no mesmo luga. (Ca23 – Censo2000)

(9) E: Não?

F: Não, porque é se eu mudar de escola assim (falando com o cão) "sai braque!" Se eu mudar de escola assim, não vai ficar muito longe para mim assim, de ir para escola, porque é aqui do lado, o muro do meu colégio é a minha e do muro da minha casa, aí eu gosto muito daqui. **No primeiro dia** que eu vim para cá, vi esse colégio, falei assim: "mãe me matricula aí, porque eu vou querer estudar nele." (Mar51 - Censo80)

Com respeito ao uso de determinantes e modificadores não existem diferenças significativas entre o português diacrônico e o português contemporâneo. Este fato sugere

que a gramaticalização da construção (prep1) + det + Ntemporal + (prep2) + que ainda não está concluída. O fato de que alguns modificadores apenas eventualmente ocorrem com os N temporais reforçam a nossa interpretação.

### **Propriedades semânticas dos N temporais**

Os núcleos nominais das construções abordadas neste trabalho se relacionam todos à noção de tempo cronológico visto como uma dimensão extralingüística que é exterior ao homem e que se desloca continuamente, resultando na sucessão de fatos, sem possibilidade de reversão. Sob este aspecto, tempo é unidirecional e unidimensional e permite localizar eventos como anteriores e posteriores, a partir de um ponto de referência que é o momento da enunciação. O tempo cronológico pode ser avaliado quantitativamente, isto é, como curto ou longo e pode também ser mensurado, resultando em unidades temporais categorizadas em termos como *dia, hora, semana, mês, ano* etc.

No entanto, algumas diferenças devem ser consideradas no conjunto destes itens lexicais com noção temporal. Intuitivamente, agruparíamos *dia* e *hora*, de um lado e, *época* e *tempo*, de outro lado. Enquanto os primeiros denotam unidades de tempo mensuráveis objetivamente, os segundos são mais vagos e não delimitam uma extensão temporal precisa. Unidades temporais como *dia* denotam períodos de tempo canônicos, naturais, remetendo a eventos cíclicos do ambiente natural humano e que têm servido como o principal meio de localizar e medir outras situações, em particular, a alternância entre claro e escuro, mudança no tipo de lua, e trajetória da terra.

O item lexical *dia* está investido de uma ambigüidade bastante acentuada. Embora possa se referir ao período de 24 horas, correspondendo assim a um ciclo natural, ele pode

também se referir apenas a uma parte do dia (parte antes do meio dia) o que, no caso, não é mais uma extensão temporal natural. Essa ambigüidade da palavra *dia* a torna uma forte candidata a criar contextos favoráveis à gramaticalização, um processo que tende a atingir itens lexicais mais ambíguos e de significados mais genéricos (cf. , por exemplo, HOPPER e TRAUGOTT, 1993; 2003, p.101).

As unidades lexicais *dia* e *hora* podem ser usadas tanto para localizar eventos num ponto do continuum temporal como (às duas horas, no dia 21 de abril) como para indicar extensão temporal (durante duas horas, durante vários dias). No entanto, a palavra *dia* parece indicar mais freqüentemente extensão enquanto que a palavra *hora* é mais freqüentemente utilizada na indicação de localização temporal.

Os itens lexicais *tempo* e *época*, embora associados ao tempo cronológico, não são unidades de tempo naturais e se superpõem em algumas das suas acepções. Ambos denotam períodos de tempo não mensuráveis objetivamente e podem ser, em certos contextos, intercambiáveis. Se nos basearmos nas definições fornecidas pelos dicionários (cf. FERREIRA, 2001) podemos dizer que esses dois itens lexicais incidem em orações que possuem um forte componente anafórico, na medida em que procedem a uma localização temporal que depende de outras coordenadas temporais fornecidas pelo contexto.

O termo *época* especificamente é, de certa forma, desprovido de um significado próprio. Assim, segundo o dicionário de Ferreira (2001, p. 275) o item *época* compreende uma “faixa cronológica para a qual se toma por base um acontecimento notável”. Pode também se referir a um “período muito importante por um fato, personalidade, certas conjunturas, etc.; era, idade ou ainda período, fase; tempo” (idem). O que percebemos nessas diversas acepções do item lexical *época* é o seu acentuado caráter de referir-se a um ponto fixo e determinado no tempo, como ilustra o exemplo (10) abaixo:

(10) F: ... o mal do Brasil é uma coisa também que eu discordo, essa ponte Rio-Niterói foi uma coisa muito bem feita, (tal e coisa), mas **naquela época que eles fizeram**, todos ele dizia: aquilo já está mais do que pago e repago. Não é isso? (Cid32 - Censo80)

Podemos observar que a expressão "naquela época" remete a um fato de grande notoriedade e repercussão na mídia "a construção da Ponte Rio-Niterói" que exigiu algum tempo para ser concluída. Assim, a referência temporal da oração com o item *época* situa-se num ponto fixo localizado no passado que toma como referência um fato no passado.

O item lexical *tempo*, por sua vez, segundo o mesmo autor, se refere à “sucessão dos anos, dias, horas, etc., que envolve a noção de presente, passado e futuro” ou ainda ao “momento ou ocasião apropriada para que alguma coisa se realize”, podendo também ser utilizado como equivalente de época, estação (idem, p.666). Embora no item lexical *tempo* normalmente esteja incluída a idéia de duração total indefinida, ele pode indicar também uma porção limitada dessa duração, como por exemplo, "tempo dos dinossauros". Além disso, ele entra também na constituição de um número considerável de locuções: de tempos em tempos, ao mesmo tempo, em todos os tempos, em que se superpõe a idéia de frequência, ou seja, de aspecto.

Um fato curioso se relaciona à etimologia do item lexical *época*. Cunha (1986, p. 308) registra que a entrada deste item é bastante tardia no português. Derivado do grego "epoche", esse termo foi tomado de empréstimo ao francês *époque* somente no século XVIII. O que pode explicar porque, nos nossos dados, só encontramos ocorrência dessa forma no século XXI. Coincidentemente, o item lexical *tempo* parece cair em desuso a

partir do século XVIII e, atualmente, sua ocorrência é rara nas construções em análise. Será que os falantes substituíram uma forma que já estava bastante desgastada pelo uso (*tempo*) por outra inovadora dentro da língua (época)?

Podemos observar que, entre os termos analisados, o item *tempo* é o mais genérico de todos já que nem sempre precisa a extensão ou a localização da referência temporal. No entanto, quando o item *tempo* refere-se a um evento localizado no passado, ele se comporta de forma semelhante ao item *época*, como podemos observar no exemplo (11) abaixo:

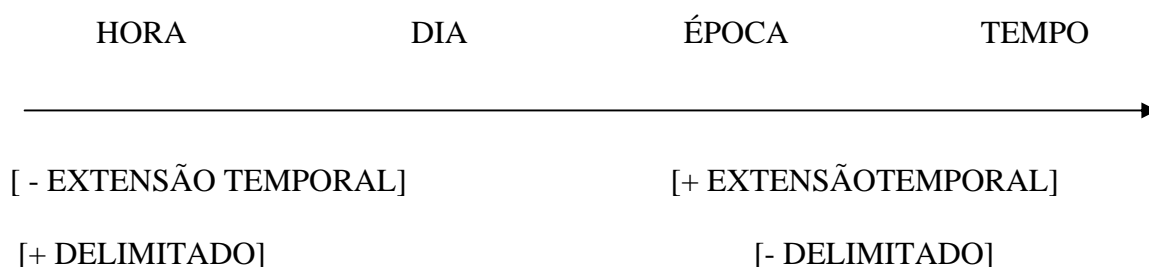
- (11) E prometeu diser verdade, e perguntado pelos interrogatórios e capítulos atrás disse que do conteúdo Nelles não sabia cousa alguã em que o governador Dom luis de souza **no tempo que governou este estado** deixasse de fazer o que devia e governara com muita satisfação e sem escândalo de pessoa alguã ... (17GV)

Nessa ocorrência, a oração introduzida pela construção "No tempo que" refere-se a um fato localizado no passado que apresenta certa duração. Nesse caso, podemos dizer que em certos usos os itens *tempo* e *época* apresentam interseção.

Essa análise dos aspectos semânticos dos N temporais permite algumas considerações. Os quatro itens lexicais partilham em alguma medida uma idéia de delimitação (ou seja, um determinado ponto do tempo), o que leva a crer, por exemplo, que os itens *época* e *tempo* (que são os mais genéricos) são usados nas construções em estudo principalmente nos seus valores mais delimitados. O aspecto [+ pontual] inerente a esses itens lexicais é o que pode estar na origem de uma certa nuança de imediatez que parece estar presente na interpretação temporal das sentenças introduzidas pelas construções com N temporais. Ou seja, a utilização dessas construções, em especial daquelas com o item

lexical *hora*, parece reduzir o intervalo temporal entre o estado de coisas expresso na oração núcleo e na oração a ela relacionada.<sup>4</sup> Nesse aspecto pode estar uma indicação de que a reanálise e a conseqüente interpretação da construção como conector podem ter se iniciado neste contexto mais pontual (um momento temporalmente localizado), cuja referência é dada pelo contexto, para depois se expandir para outros contextos.

Apesar das propriedades partilhadas pelos N temporais *dia*, *hora*, *época* e *tempo*, é possível distingui-los em termos de um continuum que conjuga duas dimensões: uma que envolve a extensão temporal denotada por cada uma das unidades e outra que envolve o grau de associação com o traço [+ - delimitado]. Nesse sentido, o item *hora* é o que indica a menor extensão temporal e maior delimitação (60 minutos). O item *dia* se situa numa posição intermediária quanto à extensão temporal e apresenta também um espaço de tempo mais delimitado (24 horas). Finalmente os itens *tempo* e *época* parecem se situar em dois pontos mais ou menos próximos, embora *tempo* possa ser localizado no pólo de maior extensão temporal e menor delimitação, pois é o item lexical que está associado a maior imprecisão na indicação do intervalo temporal. Teríamos, então, o seguinte continuum:



Postulamos que as orações introduzidas pelas construções em foco equivalem, em certa medida, às orações introduzidas pelo conector temporal prototípico **quando**. A

---

<sup>4</sup> Ao considerarmos que a construção *(prep) + N temporal + (prep) + que* estaria se gramaticalizando como conector temporal, optamos por designar a oração com a qual ela se relaciona como oração núcleo.

distribuição dos itens lexicais *dia*, *hora*, *época* e *tempo* no continuum acima se reflete na maior ou menor aproximação entre a oração introduzida pela construção  $(Prep1) + det + N\ temporal + (prep2) + que$  e uma oração temporal, introduzida pelo conector **quando**. De certa forma, ao formular enunciados temporais com as construções com os itens *hora*, *dia* ou *época* o falante é mais expressivo do que simplesmente ao utilizar **quando**. Enquanto com o conector **quando** o falante apenas relaciona temporalmente dois estados de coisas, com as construções  $(Prep1) + det + N\ temporal + (prep2) + que$  ele sinaliza para o ouvinte a extensão do intervalo temporal que os separa: a ocorrência do evento codificado na oração núcleo se segue imediatamente ao evento que o localiza temporalmente. Assim, a escolha destes itens estaria associada às estratégias de interação utilizadas por falante e ouvinte para a produção e compreensão de enunciados, uma delas a de ser o mais informativo possível (cf. GRICE, 1975).

Podemos supor que, inicialmente, os itens *hora*, *dia* estejam restritos a contextos de menor intervalo temporal entre os eventos codificados e, nesse caso, a utilização da construção é consoante às propriedades do contexto, é expressiva, transmite maior quantidade de informação. O aumento na frequência de uso da construção (“routinization” nos termos de HOPPER e TRAUGOTT, 1993; 2003) pode estar na origem da perda dessa nuance e dessa função subjetiva, autorizando a inferência de que a construção como um todo apenas explicita a relação temporal entre dois estados de coisas.

Esse processo de rotinização (“routinization”) seria acompanhado de alterações semânticas que parecem envolver dois mecanismos simultâneos, na medida em que essas construções com N temporais se aproximam do paradigma dos conectores temporais. Pode-se pressupor que, essas mudanças operam, por um lado, no sentido de generalizar e

reforçar o traço [+ tempo] inerente a todos esses itens lexicais e, de outro, a enfraquecer ou esmaecer propriedades ou traços semânticos mais específicos de cada um deles. Assim:

- *hora* e *dia* enfraquecem os seus traços de imediatez e de menor extensão temporal;
- *época* enfraquece seu sentido de fase/etapa determinada e outros de seus traços semânticos como o de era.

Adotando essa interpretação, uma hipótese possível é a de que o item lexical *tempo* seja o desencadeador desse processo de gramaticalização visto que é o termo que apresenta uma acepção mais genérica de tempo e, inicialmente, é a forma mais freqüente na amostra de tempo real de longa duração. A alta freqüência de uso do item *tempo* na construção analisada, nas fases iniciais da língua portuguesa, leva à rotinização dessa construção e parece provocar um processo em cadeia com outros itens que também denotam tempo.

Visto por este ângulo, a gramaticalização dessas construções é uma conseqüência da reanálise e as alterações semânticas operariam a posteriori, ou seja, como uma conseqüência do processo de reanálise. Além disso, se visto em termos de expressividade, o fenômeno é decorrente de uma orientação do falante, ou seja, decorrente das intenções do falante. Sob esse aspecto, o processo de reanálise atuaria apenas sintaticamente, como proposto por Langacker (1977) e endossado por outros autores, sem considerar os aspectos semânticos.

Uma interpretação alternativa seria considerar, na forma como propõem Detges e Waltereit (2002), que a própria reanálise não é um processo puramente sintático, mas sim semântico, o resultado de uma estratégia de interpretação (portanto, do ouvinte)



propulsionada por princípios cognitivos como o princípio de referência e o princípio de transparência.

É possível pressupor que, inicialmente, a reanálise da construção (*Prep1*) + *det* + *N temporal* + (*prep2*) + *que* foi engatilhada pelo princípio semântico taxonômico, ou seja, a construção inteira passa a ser reinterpretada pelo ouvinte como um conector temporal, porque todos os itens lexicais passíveis de integrá-la pertencem a uma categoria mais ampla que é tempo. Posteriormente, o falante recruta esta construção por ser mais expressiva que a conjunção temporal **quando**. A partir do uso, a forma começa a passar por um processo de rotinização distanciando-se de seu sentido mais específico para expressar apenas o traço mais geral de tempo, empreendendo, assim, uma trajetória de gramaticalização como conector temporal.

### **Considerações finais**

Assim, através da comparação entre os resultados dos dois tipos de análise em tempo real, foi possível demonstrar que a variabilidade sintagmática e paradigmática dessas construções com N temporais se reduz, culminando numa perda de composicionalidade e conseqüente fixação do padrão sintático das locuções conjuntivas. Assim, o conjunto de preposições que encabeçam o *Sprep 1* se restringe a **em**, em consonância com propriedades sintático-semânticas dessa preposição que podem ter contribuído para a implementação do processo de gramaticalização. Paralelamente, ocorre a perda gradativa de propriedades inerentes ao N de valor temporal que vai fixando determinadas características: presença de artigo definido, perda de flexão de número, perda de flexibilidade sintagmática com a redução da possibilidade de interposição de modificadores que vai acentuando a descategorização do N temporal, processo freqüente em estágios iniciais de

gramaticalização. As construções com N temporais reduzem, portanto, sua variabilidade, assumindo, assim, o padrão invariável das locuções conjuntivas.

Além disso, o processo de gramaticalização dessas construções, na sua origem, parece ser motivado pela necessidade de o falante ser mais informativo, mais expressivo. Progredindo na incorporação do padrão sintático de uma locução conjuntiva, à medida em que adquirem uma função mais gramatical, os núcleos temporais que compõem o sintagma preposicional vão perdendo sua transparência semântico - pragmática e resguardando apenas o traço mais geral de tempo. Essa perda pode ser constatada, por exemplo, no enfraquecimento do traço + pontual inerente ao item lexical *hora*, o que pode ser interpretado como um esmaecimento da significação pragmática desse item.

### **Referências bibliográficas**

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, p.443-460, 1999. V. VII: Novos estudos.
- CHAFE, W. *How people use adverbial clauses*. Proceeding of the tenth meeting of the Berkeley Linguistics Society, pp. 437-450, 1984.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (5ª impressão).
- DETTGES, U.; WALTEREIT, R. *Grammaticalization vs. Reanalysis: a Semantic - Pragmatic Account of Functional Change in Grammar*. Zeitschrift für Sprachwissenschaft 21. 2002, p. 151-195.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- \_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 115-128, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FORD, C. *Grammar in ordinary interaction: the pragmatics of adverbial clauses in conversational English*. Phd. Dissertation, University of California, Los Angeles, 1988.

GORSKI, E. Variação na ordem das cláusulas e coesão discursiva. In: I ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL - UFRGS -1996.

GRICE, H. Logic and conversation. In: Cole & Morgan (eds.) *Syntax and Semantics*. vol. 3. Academic Press, 1975.

HAIMAN, J. ;THOMPSON, S. A. *Subordination in universal grammar*. Proceedings of the tenth meeting of the Berkeley Linguistic Society. Berkeley, Berkeley Linguistics Society, p. 510-523, 1984.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2 ed. , Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, p. 223-262, 1996.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. N. *Mechanisms of syntactic change*. Austin: University of Texas Press. 1997, p.57-129.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Process*, 9, p. 57-90, 1986.

MENDES, A. *Orações complexas de tempo no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Almedina, 1983.

MOLLICA, M. C. Estudo da cópia nas construções relativas em português. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 1977. Dissertação de Mestrado.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Introdução: A mudança lingüística em curso. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 13-30, 2003.

PAIVA, M. Da C. De; PEREIRA, M. H. Estatuto sintático das orações introduzidas pelas construções (prep) + det + N temporal + (prep) + que. *Veredas*, v, 8, n. 1 e 2, p. 245-262.

PEREIRA, M.H. *Ordenação das orações temporais no discurso escrito*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Reanálise e gramaticalização de conectores temporais: uma análise em tempo real*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RAMSAY, V. The functional distribution of preposed and posposed "if" and "when" clauses in written narrative. In: TOMLIN, R. S. (ed). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam, John Benjamins, 1987.

SOUZA, M. S. C. de. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1996.

TARALLO, F. L. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Phd. Dissertation. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1983.

THOMPSON, S. A. Subordination and narrative event structure. In: TOMLIN, R.S. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p.435-454, 1987.